**O "LOCAL" DA ALFABETIZAÇÃO: BREVES REFLEXÕES**

Caroline dos Santos Florentino de Barros - UERJ

**Resumo**

A alfabetização vai além da simples leitura e escrita, sendo crucial para os movimentos de subjetivação infantil. Este trabalho explora a interseção entre o conceito de "local" de Homi Bhabha e a alfabetização, destacando a negociação de significados culturais e linguísticos na identificação infantil. O "local da cultura", espaço de hibridismo, assim definido por Bhabha, desafia noções convencionais de identidade e tradição. Na alfabetização, as crianças negociam significados entre suas culturas e linguagens, criando um espaço de significação em um processo de tradução cultural. Isso exige uma mudança na concepção de currículo para uma educação mais inclusiva e sensível às subjetividades das crianças. Em suma, ver a alfabetização como um "local" de negociação de significados culturais e linguísticos, promove um processo mais significativo e articulado pelas diferenças e pela subjetivação.

**Palavras-chave:** Alfabetização, Currículo, Subjetivação, Cultura.

**Para iniciar a conversa...**

A alfabetização, processo que vai além da aquisição da leitura e escrita (Frangella, 2020), é um momento crucial de movimentos de subjetivação da criança. Diante disso, este trabalho explora a interseção entre o conceito de "local" de Homi Bhabha (1994) e o processo de alfabetização, destacando a importância da negociação de significados culturais e linguísticos nas possibilidades de identificação infantil. “Não se trata, contudo, de negociação total das tradições, mas de formas de agenciamento, traduções, construções enunciadoras na relação de constante negociação com o outro” (Oliveira; Camões, 2017, p. 17), que problematizem a alfabetização como um “local” no qual múltiplas articulações e narrativas se entrelaçam.

Partindo da compreensão de que a alfabetização ultrapassa a simples decodificação de textos, é possível entender que um currículo mais inclusivo, pode ser caracterizado como um caminho para promover um desenvolvimento escolar distante do essencialismo, que priorize a possibilidade de criação de novos significados. Currículo esse, marcado pela imprevisibilidade, contingência e alteridade, aberto para diferença e sentidos outros (Frangella, 2020). É necessário então, discutirmos sobre esses conceitos e também sobre a identificação cultural e linguística das crianças, sem reduzi-los ao mero reconhecimento de diferentes conteúdos e costumes já existentes.

Nesse caminho, podemos definir os "locais" híbridos da cultura (Bhabha,1994), como espaços

férteis para a construção de novas possibilidades.

Assim, a alfabetização pode ser entendida como um processo de negociação complexa, no qual as crianças permeiam entre experiências e a linguagem. Defendemos então, a necessidade de um currículo que não apenas estimule a decodificação de códigos escritos, mas que também proporcione a interpretação e interação crítica dos discursos e narrativas culturais que os rodeiam, buscando por um processo de alfabetização e uma educação mais flexível, inclusiva e sensível às subjetividades e as diferenças.

**Entendendo o local...**

A definição de "local", segundo Homi Bhabha (1994), envolve a ideia de um espaço de interseção e hibridismo, no qual se destaca “[...] para além das narrativas de subjetividades originárias, focalizando as articulações das diferenças culturais” (Ribeiro, 2017, p. 580). Bhabha aborda o "local da cultura" como um lugar de fronteira, onde as diferenças culturais se manifestam e se negociam, desafiando as noções convencionais de identidade e tradição. Nesse contexto, o "local" não é um espaço estático ou homogêneo, mas sim um ponto de encontro de múltiplas influências e significados, narrativas culturais que se entrelaçam e se transformam. Essa concepção de "local" na cultura reflete a complexidade e a fluidez das experiências culturais, marcadas por processos de hibridização e alteridade.

A cultura, nesse sentido, apresenta ideia de continuidade, configurada como complexa e emergente. Bhabha (1994), enfatiza sua contingencialidade, moldada por incertezas e indeterminações. É articulável e negociável, fluida. Ao ingressarem na alfabetização, as crianças não se encontram em um espaço de totalização cultural, com ideias fixas. Na verdade, estão inseridas em um movimento de significação. Vista sob a perspectiva de Homi Bhabha (1994) de Terceiro Espaço, a alfabetização pode ser repensada como um “local” de deslocamento, no qual as crianças negociam significados entre suas experiências culturais singulares e diferentes linguagens, criando um espaço de significação, em um processo de negociação e tradução.

Ao reconhecermos a alfabetização como esse ato híbrido de tradução cultural (Bhabha, 1994), no qual culturas se encontram e se misturam, podemos também movimentar nossas concepções de currículo, “[...]entendido como tudo que diz respeito ao cotidiano escolar [...], por

intermédio do processo de significação e do discurso, por uma dimensão simbólica e política em um sistema aberto.” (Ribeiro, 2017, p. 594) Nesse sentido, as reflexões vão ao encontro do reconhecimento da importância desse espaço como um local de transformação, onde as fronteiras culturais são desafiadas e novas perspectivas emergem.

Bhabha (1994) critica visões essencialistas de identidade cultural e defende a riqueza da diferença cultural. Aplicado à alfabetização, isso implica valorizar os repertórios culturais e linguísticos que as crianças levam consigo para a escola, ao invés de impor uma norma cultural única. No entanto, aspectos que permeiam esse processo, como a priorização de padrões e métricas avaliativas, implicam no reducionismo dessa fase que não se refere ao contato com conhecimentos fixados para esse fim, mas na possibilidade da imprevisibilidade dos movimentos de subjetivação e identificação.

As ideias de Bhabha (1994) sobre fronteira, hibridismo e tradução cultural oferecem uma perspectiva fértil para se repensar a alfabetização como um processo ativo de negociação de significados. Ao compreender e valorizar as diferenças linguísticas e culturais presentes na sala de aula, essa abordagem corrobora para uma educação que evidencia e contribui para a construção de novos significados.

Diante dos desafios postos pela realidade que envolve a alfabetização no Brasil, percebe-se um longo caminho a percorrer. Repensar a alfabetização nessa perspectiva, implica desafiar visões essencialistas de cultura e língua, abrindo caminhos para ações que evidenciem a riqueza existente para além dos conteúdos escolares. Isso requer uma mudança de olhares e perspectivas em relação a concepção de currículo, formação de professores, políticas educacionais e tantos outros aspectos que merecem ser postos â discussão, como forma de contribuir para o movimento constante de construção de subjetividades e ampliar o movimento de articulação entre as diferenças.

**Para não parar de pensar...**

A alfabetização, quando compreendida à luz dos aspectos já apresentados, deixa de ser um processo neutro de desenvolvimento da leitura e escrita, para se tornar um espaço de encontro e negociação entre diferentes culturas e linguagens. Ao valorizar as subjetividades culturais e linguísticas dos alunos, é possível contribuir para uma educação mais significativa, que evidencia

os "locais" híbridos da cultura como espaços férteis para a construção de novos significados, que compreende o “currículo como produção cultural e a escola como contexto local onde os sentidos são negociados [...]” (Oliveira; Camões, 2017, p. 04).

(Re)Pensar a alfabetização nessa perspectiva envolve desafiar visões essencialistas de cultura e língua, abrindo caminhos para discussões acerca de diversos aspectos que circundam esse processo. É considerar a essência de cada criança, entendendo-a como única e em constante movimento e modificação. É “subverter a lógica escolar da previsibilidade em direção a

experiência da infância que valorize a narrativa, o tempo, a imaginação, a brincadeira, a leitura e a escrita” (Oliveira; Camões, 2017, p. 17), que desafie a questionar o que é posto como pronto e fixo. Esse fato, influencia diretamente nas formas de aprender, compreender e de se relacionar com o mundo.

**REFERÊNCIAS**

BHABHA, H. K. O Local da Cultura. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. (1994).

FRANGELLA, R. de C. P. “Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo. e vivo escolhendo o dia inteiro!” – Currículo e alfabetização para além das evidências. *Revista De Educação PUC-Campinas*, *25*, 1–17. 2020. Disponível em: https://doi.org/10.24220/2318-0870v25e2020a4880. Acesso em: 28 maio. 2024.

OLIVEIRA, C. G.; CAMÕES, M. C. de L. S. Currículo e infância: o que querem (para) as crianças? *Nuances: Estudos sobre Educação*, Presidente Prudente, v. 27, n. 3, p. 5–21, 2017. Disponível em: https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/4580. Acesso em: 28 maio. 2024.

RIBEIRO, William de Goes.Currículo, subjetivação e política da 10 diferença: um diálogo com Homi Bhabha.*Conjectura: filos. e Educ.* [online]. 2017, vol.22, n.3, pp.576-597. ISSN 2178-4612. Disponível em: https://doi.org/10.18226/21784612.v22.n3.10. Acesso em: 28 maio. 2024